

CLARINDO SANTIAGO

REGISTRO SETORIAL

Seção Obras Raras

N.º 1452

Data 26/03/74

O POETA NACIONAL

ORMA

869.9.

5235p

..8

T-3/242
C-3/245

MARANHÃO—1926
RAMOS D'ALMEIDA & Cia.

Raimundo Santiago

O POETA NACIONAL

These sobre assumpto de livre escolha que Raimundo Clarindo Santiago apresenta á Congregação do Lyceu Maranhense, para concorrer á cadeira de Litteratura Brasileira do Curso Gymnasial desse estabelecimento de ensino.

Explicam geologos que, segundo todas as probabilidades, a ilha do Maranhão se foi pouco a pouco formando, atravez do tempo, graças ás alluviões trazidas da terra firme por obra de numerosos cursos d'agua e depositadas, secularmente, camada sobre camada, até que se organizasse este pittoresco terreno de facies onduloso.

Não nos importa no momento se é ou não verdadeira tal interpretação do phenomeno physiographico. Ella, porém, nos leva a considerar que na genese do solo, como ainda na de nossa sociedade, os elementos, na grande maioria, nos vieram do continente. As aguas trouxeram no seu fluxo o chão que pisamos. Mas a natureza não se satisfez com a terra e com o humus que mandou, em epocas recuadas, para a edificação destas collinas, tão formosas que mereceram ser escolhidas

para supportar os alicerces de uma cidade. Quando era preciso tivesse esta luzimento e fosse fallada além dos mares, as forças naturaes, em varias paragens interiores, se congregaram para a criação de vigorosos rebentos, que são os filhos illustres do Maranhão. E então as aguas conduziram no bojo das embarcações, rumo de S. Luiz, crianças que, com o correr dos annos, fizeram a gloria do nosso Estado. O Maranhão-ilha, quer sob o ponto de vista da organização physica, quer sob o ponto de vista da corporificação intellectual e moral, foi feito em grande parte pelo Maranhão-continente.

Os exemplos são numerosos no passado e no presente. Baste-nos lembrar agora que das quatro figuras maximas, pedras angulares á do edificio da Athenas Brasileira — Gonçalves Dias, João Lisbôa, Gomes de Souza e Odo-rico Mendes, somente o ultimo é sanluizense.

Dos quatro, quem mais fallou á alma do seu povo, talvez porque não fallou, mas porque cantou, foi Gonçalves Dias, tão grande que se foi tornando mais do que maranhense — brasileiro; mais do que brasileiro — da America, muito mais do que desta — da raça latina. E sendo de tantos,

até ser da humanidade, parece ter sido, pelo cruel sofrimento de continuo imposto ao seu espirito pela distancia do berço, o que mais quiz bem ao pequeno torrão do nascimento.

E essa terra, hoje, ouve da bocca de muitos filhos, de numerosos estranhos, de forasteiros que nos visitam, de hospedes que obsequiamos, de criticos que nos estudam, a sentença corriqueira, estribilho de uma cantiga de descredito, que se vai tornando velha, refrão que nos deslustra o presente :

—O Maranhão morreu como Athenas Brasileira !

Esmorece-nos essa phrase, que nos repisa o bairrismo e maltrata o justo orgulho de quem possue, na arca das estantes, profusão de ouro colhido pelos antepassados nos veios da intelligencia. Nem sempre, porém, a mina fica em abandono porque esteja exgottada, a fonte nem sempre fica deserta porque tenha seccado, porque o sol lhe haja sorvido a ultima gotta. O minerio do talento continuou a surgir da terra; mas, tal como o ouro de alluvião, vai arrastado por esse impeto do nortista a emigrar, e só lá fóra é apanhado do meio da turba para o patrimonio da

riqueza mental do paiz. O Maranhão fonte de intelligencia não estancou decerto como nascente. Deu-se um phenomeno natural de escoamento para lugares mais amplos, para terrenos mais vastos e menos propicios á esterilidade.

Ha muito, de um lado, começou a fazer sentir-se aqui, cada vez mais irresistivel, dia a dia mais poderosa, á medida do seu progresso rapido, a attracção do centro maior, a Capital Federal. A antiga côrte, cabeça politica do paiz, qual cerebro que, evoluindo, exige de continuo mais sangue para a sua irrigação, absorveu elementos em todos os sentidos, reduzindo por isso varios Estados, entre estes o Maranhão, a meios intellectuaes restrictos.

De outro lado, a fabrica de preconceitos que é todo o centro pequeno, teve entre nós erguida pouco a pouco, com mais solidez, a barreira de má vontade, especie de muralha chinesa, contra todos os que surgem, brilham, observam, conversam com os deuses, estudam emfim o meio, criticam-no, procurando renova-lo. Quando, porém, floresceram as mentalidades que nos criaram o periodo digno de ser chamado a Grande Epoca, os maranhenses inclinados ao

cultivo das letras iam beber em Coimbra as luzes com que vinham depois fulgurar no Maranhão, formando, portanto, um nível superior, estimulando os novos, despertando vocações. Alguns, como João Lisbôa, ousavam assentar, mesmo na doçura da vida provinciana, as bases sobre que erguiam o engenho de erudições robustas.

Certo não permaneciam toda a vida, mas estacionavam largamente em S. Luiz, enquanto, neste triste mais tarde que é o presente, vemos os grandes maranhenses, esquecidos totalmente do rincão natal, embriagar-se no esplendor do Rio, a cidade, que—e o seu nome indica correnteza,—avança, para desaguar o brilho da sua fama num largo e magestoso futuro.

Desappareceu, sem duvida, o Maranhão como sumptuoso scenario intellectual, mas continúa derramada na terra a semente das capacidades.

Se se reunissem um dia, nesta margem do Anil, os grandes maranhenses vivos, como Coelho Netto, Graça Aranha, Teixeira Mendes, e outros novos e novissimos que entram a liça, a scena onde se exhibiu Odorico Mendes ver-se-ia novamente vestida com as galas passadas. E' um facto o fulgor desses nomes, no Sul, a poucos importando,

entretanto, saber a que Estado pertencem. Se estivessem cá, esse Sul nos olharia com melhores olhos.

Se estivessem connosco, o Maranhão deixaria para sempre de ouvir as accusações que lhe fazem, de Athenas em ruínas, para somente escutar os que o bemdizem como terra privilegiada e como um dos maiores tributarios do talento brasileiro.

Na ausencia delles, ouçamos religiosamente os echos do Rio,—rio caudaloso para o qual os Estados são afluentes espirituaes. E entre estes o Maranhão, com ser um dos menores, não é, contudo, o que menos lhe entumesce o vulto.

Orgulha-nos saber que, ainda hoje, quando, na caudal dos habitantes cariocas, se vê subir á tóna agua mais pura, grande parte desta é agua maranhense, agua como a do nosso systema potamographico, que carreia ouro e diamante.

O maranhense, entretanto, que não emigrou e p.eza os feitos elevados dos seus conterraneos, ouvindo-lhes o renome pode ainda, quer pelo deslumbramento do passado, quer pelo brilho do presente, e alterando um pouco as palavras do grande vate lusitano, perguntar a si mesmo qual

é mais excellente, se ser irmão de rei, se de tal gente.

Hoje, afastado deste céu tropical, o maranhense destaca-se de quando em quando lá fóra, como para fazer fulgir a aureola do passado, quando vestiram o Maranhão com o titulo e as pompas de Athenas, porque era realmente ninho de sabios, officina grandiloqua das letras, recanto amavel onde haviam pousado, engrandecendo o Brasil, os mais notaveis dons que a natureza já derramou sobre os povos—os dons criadores da arte na prosa e no verso.

O seculo XIX começava assim assignalando uma patria nova, por innumerous surtos geniaes, puras irradiações de talento, que, se tomavam rumos diversos, a caminho das letras, das sciencias, da politica todos partiam de um ponto só—o Maranhão.

Formou-se uma pleiade, uma cohorte, uma phalange de athenienses legitimos, uma como formosa corrente de fino metal precioso, accrescida quasi ininterruptamente de élos qual delles mais resistente, tornando-se necessario, incontinenti, que um vibrante calamo se pusesse a traçar no marmore da prosa o edificio de um livro, onde fos-

sem incluídos os nomes da Luminosa Epoca. A mesma terra tudo fornecia; o ourives e o colleccionador, o creador de rythmos e o apologista para sublimal-os. O Maranhão parecia representar, no cérebro brasileiro, a circumvolução detentora do centro da palavra escripta e fallada.

Foi o apologista Antonio Henriques Leal. Tambem élo repolido daquella fulgida cadeia, modelou a obra que, no baptismo da publicação, recebeu o nome sonoro de *Pantheon Maranhense*.

E' um livro traçado mais com a alma do que com o punho, é um livro que se não lê, mas se escuta, um livro cuja voz conta á posteridade a riquissima historia do nosso passado. Lemol-o como se ouvissemos um elevado hy nno, e, portanto, só o podemos fazer de joelhos, como ante os textuarios lithurgicos, nos officios divinos.

E' um livro-templo aberto, onde se notam, ao mesmo tempo, o silencio em torno dos que deixaram de viver e o cantico que as cousas entôam aos que nasceram para a immortalidade.

Dos seus capitulos, flue o sabor das cousas ditas por alguém que se houvesse furtado á propria profissão para dar-se somente á tarefa de narrar a trajectoria dos seus irmãos gloriosos. O

Dr. Henriques Leal, medico, muitas vezes deveu fugir á clinica para satisfazer o seu carinho fraterno por todos aquelles pro-homens, de cuja intimidade foi figura saliente.

Com a penna construiu mansão—relicario, superiormente estylizada, a qual abriga nos soberbos salões dos quatro volumes sagradas celebridades.

Cathedral, onde cada altar é um tumulo e cada imagem uma biographia;

Lar de vasto adorno estructural, destinado a guardar patrimonio de immensas proporções;

Mostruario de joias litterarias;

Exposição de pinturas biographicas;

Galeria de predestinados;

Jardim de flôres raras;

Avenida de Estatuas;

Alea onde se apontam obras que são como robles frondosos, lenhos pujantes, arvores que affrontam o poder destruidor do tempo, offerecendo eternamente, aos que lhes procuram a sombra amena, o vigor dos fructos ricos de sementes para o amanho de novos terrenos, para o cultivo de novos espiritos;

Constellação fulgente de renomes;

Estellario de glorias;
Capitulo grego de historia maranhense;
Indice de revelações grandiosas...

Quem lhe transpõe os humbraes, para o passeio de uma leitura ou para o labor de um estudo, demora o olhar sobre sumptuosidades que, esculpidas sobre o papel com o mesmo carinho com que Soufflot, o architecto do Pantheon da França, lavrara a pedra, fazem de Henriques Leal um Soufflot brasileiro.

Quem lhe percorre o recinto percebe no ambito augusto, diante de cada sacrario, guardando-o, a presença de visões que, como vestaes, mantêm, na pyra bronzea da fama, com todo o incenso de gratidão, o fogo da immortalidade. Lá está o vulto esguio, diaphano, venusto da Poesia Lyrica, em cuja face transparecem as expressões maximas do estro de Gonçalves Dias, ora a orgulhosa altivez do sangue indigena, ora a doce tristeza de uma longa paixão sem remedio.

Tem a vasta largura de um tomo inteiro o lugar destinado, no Pantheon, a conter a narração da sua vida e as apreciações sobre o seu genio. O seu perfil abrange o maior espaço da obra monumental. Aliás, além do berço humilde, ás

portas do sertão, foi immenso tudo quanto lhe coube por destino: o cerebro—retiro predilecto das musas, o coração para o amor, e tumulo no mar.

Gonçalves Dias, nascido num recanto ra-
dioso do municipio de Caxias, veio, com
a sua genialidade, formar, no terreno intellectual de
S. Luiz, uberrima camada entre as que do melhor
modo contribuíram para a nossa individualização
litteraria, nesse trabalho de geologia social, se
assim nos podemos expressar, de accordo com
a idéa exarada, no começo desta these.

E tendo feito desabrochar o seu entendimen-
to a par com as mais variadas e esquisitas flôres
sylvestres, trouxe, á semelhança dellas, a fecundi-
dade e o viço exuberante.

A influencia do primeiro ambiente no seu es-
pirito prolongou-se por toda a vida, derramando-
se a cada passo por sua obra, resumando a cada
instante de todas as suas acções. A natureza de-
senhou-lhe a alma dos contemplativos. Não pô-

de depois, em contacto com a civilização fugir ao atractivo imperioso dos ares inspiradores das matas nataes. Foi um nostalgico e um amoroso.

Como bem observa o nosso talentoso coestadano Raymundo Lopes, num estudo sobre Maranhão Sobrinho, os escriptores mais significativos da litteratura brasileira são os que vieram do seio da natureza, nas mattas e sertões, para a civilização. Reflectem melhor, sob a influencia mesma da primeira vida em terras virgens, as qualidades da raça e as suggestões do céu natal, quando não são pu-ros regionalistas.

A Gonçalves Dias educou-o, nos primeiros devaneios, o continente maranhense. Trouxe-o o rio Itapecurú para o littoral e para o primeiro emprehendimento, que terminou pela consagração do seu nome.

No Maranhão vemos sempre confirmada a observação que trazemos de começo, de que o maior numero dos seus homens de talento lhe é fornecido pelas regiões do interior.

Ora são as aguas fluviaes que trazem de Caxias Gonçalves Dias, Theophilo Dias e, mais perto de nós, Coelho Netto, o cerebro oceanico, o homem fecundidade dos dias que correm, e Teixeira

Mendes, traço luminoso a continuar no presente a genialidade mathematica de Gomes de Souza. De Vianna veio Celso Magalhães. Do Brejo, Candido Mendes. De Vargem Grande, Nina Rodrigues. E assim muitos outros. Ora são as tumultuosas aguas marinhas que conduzem de Alcantara Frei Custodio Alves Serrão, Souza Andrade de Guimarães, e tantos mais.

Por seu nascimento, ficou Gonçalves Dias eternamente preso de amor accendrado ás bre-nhas, o qual completou no homem depois de civilizado, o typo mais perfeito de poeta do Brasil, porque se tornou possuidor da magia de emballar a sentimentalidade de todos os brasileiros, nortistas e sulistas, separados por grande extensão territorial.

A musicalidade do seu multipovoado mundo interior fez-se das impressões dolorosas recebidas no espectáculo do padecimento das duas raças oprimidas, a negra e a indigena, das quaes trazia o sangue. Porisso não pôde deixar de soffrer,

... entre gente,
Que alheios males não sente
Nem se condóe do infeliz.

A magua do seu coração pela dôr de outrem estendeu-se até as cousas: parecia enxergar sofrimento, como lembra Ronald de Carvalho, na própria terra a ser rasgada pelas raízes.

Esta pureza aproximava-o das almas santas. S. Christovam, na lenda descripta por Eça de Queiroz, se via o sol dardejar fortemente sobre uma lage, fazia, com o seu peito largo, sombra á pedra, por divina piedade!

Nenhum traço ingenuo pode ser notado nesses gestos, como nos que levavam o poeta a conversar com os passaros, de preferencia os sabiás. Eram os seus amigos, os seus irmãos. Tambem para S. Francisco de Assis não havia o animal, mas o irmão lobo, o irmão cão, a irmã andorinha.

Este repositório de bondade, que era a sua psyche, distanciava-o, minuto a minuto, da sua origem, considerada desprezível, por mestiça e illegitima. E procurou em poema de uma sonoridade jamais excedida, dar aos desventurados o consolo que elle não achára. Na sua vasta cerebração, elaborara-se um estylo proprio de vestes classicas. E, após as primeiras locubrações poeticas dedicadas á terra e aos amigos, começou a esboçar o Indianismo, em que foram exalçados os brios e feitos

do gentio. Esta robusta feição da sua lyrica crystallizada no *I-Juca-Pyrama*, e nos cantos dos *Tymbiras*, fallou tão de perto á alma nacional, que criou poetas e revelou romancistas, nos imitadores e continuadores do excelso maranhense.

Elevando o indio á altura de heróe, parecia exercer uma suave e immorredoura vingança contra a sociedade, que ás vezes lhe pagou os thesouros do genio com o doésto.

Dizem que aos poetas estão reservados pelo destino, como estrictamente necessarios, reveses, que lhes aguçam a inspiração. Se foi imposto a Camões padecer, para mais profundamente amar os *barões assignalados* da Lusitania, bemditas hajam sido as suas desaventuras, e façam-se louvadas as apenas por que passou Gonçalves Dias, que nos revelou uma raça.

Os verdadeiros artistas veem ao mundo para corporificar pensamentos divinos. Lemos ou ouvimos de um litterato que Shakspeare veio cá para cantar as cousas bellas criadas pela Omnicincia. Assim Gonçalves Dias nasceu para eternizar tudo quando o mesmo Deus, com o nome de Tupan, delinear a no Novo Mundo.

O seu typo aparentemente sereno, immerso

na tristeza de um subjectivismo, que o tornava não raro calado em sociedade, transformava-se como por encanto, á vinda da inspiração. Todo elle se agitava dolorosamente. Refere Henriques Leal que o poeta, sozinho, no quarto, a escrever, era inteiramente outro. Falava alto, gesticulava, o olhar tinha lampejos, agitava-se-lhe todo o corpo. E desse mar de tortura sahiam versos de uma suavidade encantadora. Havia marulhos de oceano no seu intimo. E como que o tumultuar das vagas das sensações lhe inspirava presagios de morrer no mar, como se deu por fim.

Soffria o poeta a influencia da atracção formidavel das ondas. Porque amava os horizontes largos, parecia desejar o tumulo numa amplidão.

E, quando, tragado o navio em que viajava, num dos baixios da costa maranhense, á vista já da terra querida, elle expirava, os braços das ondas trouxeram á praia um fragmento da nau, como lembrança do vate. Esse retalho de prôa, quebrado na violencia do naufragio, e trazendo nalgumas letras, restos do nome “Ville de Boulogne”, veio como para nos mostrar o tamanho do pequeno trecho que os olhos do cantor dos *Tymbiras*, viram, pela ultima vez, da terra dos pámares.

Sabia que vinha para a morte, mas arrastava-o imperiosamente a necessidade de levar nos olhos,

como ultima imagem terrena, uma paisagem ma-
ranhense.

Se, na imminencia do perigo, vendo-se perdido,
lhe deu consolo, como ultima parcella de favor di-
vino, a contemplação de uma fimbria de horizonte
por que tanto ansiava; se ainda o spectaculo de
um lugar estremecido, embora este seja apenas
uma longinqua restea azul de céu, nos traz á lem-
brança musicas ouvidas outr'ora, no mesmo sitio,
o murmurio do oceano devia ter-lhe evocado o
sussurro de um vasto palmeiral.

As suas mãos não apertaram mãos amigas,
antes de desaparecer, não pisaram os seus pés
chão adorado, mas teve os sentidos vista e ouvi-
do fartamente cheios de côres e sons que lhe
haviãam antes inspirado os primeiros accordes
poeticos dedicados ás plagas nataes.

Pudesse o vento e ter-lhe-ia levado, naquelle
instante, como derradeiro conforto, o côro de sau-
dade dos sabiás, pois se os passaros, como nós
outros, teem ás vezes o presentimento da desgra-
ça que lhes occorre além, os filhos das mattas cer-
tamente choraram pelo irmão sepultado nas aguas,
e cujo canto não mais seria ouvido.

Dolorosa orquestração das aves;

Côro de notas melodiosas pelo bardo que desaparecia;

Pranto de sons dos seus companheiros de infancia ;

Lagrimas de gorgeios pela morte de Orpheu ;
Harpejos e queixumes, lamentos e trinados,
trillos e soluços ;

Ave-Maria executada, na igreja da floresta,
pela queda de uma fronde farfalhante.

Accordes de marcha funebre, formados de ar-
rulhos quentes pelo amigo atirado á correnteza,
como palmeira, que, a boiar, sem destino, carre-
gasse, de joelhos sobre as palmas, e enlaçados, os
dois vultos de Pery e Cecy, o amor e a poesia.

Do mesmo modo que a sua lyra havia, pela voz
do tupy, no *I-Juca-Pyrama*, estimulado toda a natu-
reza para a indignação universal contra a suspeita-
da fraqueza do joven indio, assim a sua grande
dôr devia ganhar e poder despertar todas as cou-
zas para o prantarem.

E' que havia emudecido quem, entre os ho-
mens, fôra, como entre os passaros, o Irapurú, ave
muito pequena, mas que, quando canta, forma-se-
lhe em torno uma assembléa de azas, a seguil-o,
largo tempo, em silencio, irresistivelmente arrasta-

da pela harmonia daquella voz, que supplanta todas as outras.

E' tão grande a fama do Irapurú, no meio dos povos supersticiosos do Norte, que muitas donzelas trazem algumas de suas pennas, acreditando que estas lhes proporcionam, na vida, um cortejo de adoradores.

Para digno rival do alado cantor, sobraram ao poeta do *I-Juca-Pyrama* as extraordinarias modulações lyricas, sem lhe faltarem a estatura pequena e as proprias pennas, que são os versos dedicados á inspiradora do *Ainda uma vez adeus!*

Quanta mulher, guardando religiosamente na memoria algumas dessas pennas luminosas, poderá vir a ter gloria olympica como a da que apaixonou um dos maiores lyricos da raça latina!

A poesia gonçalvina não teve só o dom de embellecer a solidão de artistas como Alexandre Herculano, em Portugal, e de encher o Brasil, de Norte a Sul, com um novo rythmo. Arrastou na vida amorosa do sublime poeta mestiço não só uma legião de peregrinas bellezas, como, para desgraça sua, aquella formosura execepcional, e decendente de uma das mais finas familias maranhenses.

Mas, não somente o pranto melodioso dos passaros serviu de funeral ao naufrago. Das alturas descia uma torrente sonora de luz, talvez a mais abundante daquelle estio tropical. Era a lagrimação de numerosos astros, sobre um astro que se apagava.

E assim, ao fim do dia, haviam mergulhado, triste e feericamente, dois sóes, um fonte da força universal, outro uma fonte da arte; o primeiro, no occaso de 3 de novembro de 64; o segundo, no poente prematuro da vida; aquelle, no mar alto das nuvens, este no pelago tenebroso; o do espaço, para a resurreição diaria das manhãs, o da terra, para reviver no culto que lhe rende o povo brasileiro.

Sempre um oceano a desdobrar-se em redor de Gonçalves Dias: em torno dos sentidos, um oceano insondavel de amor; em torno dos braços, um oceano tumultuoso de difficuldades materiaes; em torno da mente, um oceano inquieto de saber e inspiração; em torno do cadaver, a verde-azul mortalha intermina das vagas.

Banhou-se em todas as aguas: nas aguas inexploradas, como as polares, da poesia americana; nas do lyrismo, mysteriosas como as indicas

de onde retirou preciosas perolas; nas pacificas da resignação, privando-se de possuir aquella de quem o preconceito de casta teimou em separar-o; e finalmente nas atlanticas e tragicas da morte.

Sempre os vôos a povoarem as horas maximas na sua larga e sinuosa rua de amargura, que começou da matta e terminou no mar: vôos de aves silvestres, em volta do berço tôsko, que lhe armaram num sitio agreste, vôos do espirito limpidos nos annos de labor, impetos de Icaro para a conquista do Ideal; vôos de aves marinhas por sobre a tumba glauca que um naufragio lhe abriu. Assim é que uma corôa, refugio dos atins, gaivotas e guarás, em cujas immediações bateu o brigade francez, assignala o ponto onde jaz quem foi chamado o Pindaro brasileiro.

Sempre uma luz a clarear-lhe as noites na terra: na infancia, o desvelo materno; no afanoso caminho para a gloria, as fulgurancias do genio; na morte, um pharol plantado sobre a ponta do Itacolumy, não muito distante do lugar sinistro, derama, intermittenemente, extensa claridade sobre o jazigo equoreo, sepulchro digno de um homem, cançado, como as procellarias, de atravessar as tempestades da sorte.

A sua alma, brotada da floresta, tinha o mysterio e a largueza do oceano, a audacia e arrojo dos vãos, a inquietação e rumorejo das aguas correntes, a limpidez e a penetrabilidade da luz.

Minado pela doença implacavel, não lhe foi concedida, infelizmente, a graça almejada de ter sepultura entre os seus. Retratos da alma, entretanto, nos originaes dos ultimos versos, desbaratados pelo furor dos vagalhões, como que procuraram abrigo nas praias alcantarenses, onde consta que muitos foram encontrados por mão rapace, sobre os lenções de areia.

Alcantara, cidade vetusta, a antiga e lendaria *Tapuytaperá*, taba de poderosa nação indigena, devia ter recebido, desse modo, os cantos finaes do poema, em que o poeta louvou os feitos de guerra das tribus.

Mas, se o seu corpo, roubado pela fatalidade ás homenagens funeiras que de certo lhe prestariam os amigos, não escapou, como é provavel, á sanha dos tubarões que infestam as nossas bahias, como chacaes marinhos, tambem aquellas reliquias poeticas foram abocanhadas, com furia semelhante á de hyenas que se nutrem de restos mortaes.

Ao accusar Henriques Leal alguém, de publi-

car certas poesias, que só poderiam provir da inspiração do naufrago do *Ville de Boulogne*, o poetastro — e quem sabe se outros mais, com pretensões á entrada no Parnaso? — destruiu talvez, amedrontado, estúpida e impatrioticamente, thesouros inestimaveis!

Emquanto existir um povo neste hemispherio, todo aquelle que atravessar os mares que tragaram o atormentado aedo não terá experimentado a extensão daquella perda, senão a mudez dos que contemplam o infinito.

Para que se ache, ó grande subjectivo, a razão de te haver sido imposto desfecho tão triste, quando a magnanimidade dos teus sentimentos estavam a exigir dos céus, em que acreditavas, calmo trespasse, é necessario que se attribua ao teu nome a mysteriosa influencia dos symbolos!

Antonio Gonçalves Dias, insignia, cuja ultima particula tem a significação das horas de sol, foi um emblema talhado pelas musas, para ser desfraldado pela pronuncia de todas as boccas, em redondilha menor!

Ensinado pelos teus versos em todas nações cultas, ás camadas sociaes onde reina o livro, era preciso que a narração oral o levasse, aos

sertões invios, ás aldeias perdidas e mais por onde impera o prestígio da lenda!

Para isto, para que esta, levando o teu renome, emocionasse e fizesse chorar, prendendo a propria attenção das creanças, fez-se mister que a tua vida tivesse todos os transes do soffrimento e a tua morte mostrasse todas as côres da tragedia!

Para medir a tua pouca altura, muitas vezes zombada, nos salões, pelos que se admiravam de ver tanta força num engenho de peças tão pequenas, empregaste, um dia, em carta a um amigo, uma expressão jocosa: «pigmeu-gigante».

Para medir a altura do teu genio, achará quem se entregue a tal empresa, como do gigante de pedra que cantaste,

A fronte nas nuvens e os pés sobre o mar.

Não nos occuparemos do prosador e do sabio em Gonçalves Dias, que sabio foi na extensão da palavra, com a sua exactidão notavel sobre os problemas americanistas.

O prosador tem direito a um lugar de eleição entre os melhores do moderno portuguez. Nas *Meditações*, nos dramas, ao lado do espirito profundo do pensador e do seu genio criador, apparece-nos com as qualidades de vernaculista, revelando bôa, sobria e elegante prosa.

Do sabio, do ethnologista do *Brasil e a Oceania*, é cedo para concluir. Quando a sciencia americanista attingir maior desenvolvimento, então se poderá julgal-o e talvez nos suprehenda saber que voltar a Gonçalves Dias em ethnologia e ethnographia brasilicas é progredir. No intrinca-do das novas hypotheses sobre a origem dos po-

vos indigenas de nossa terra, quasi nada sabemos que nos autorize, agora, a julgar os trabalhos de Gonçalves Días. E'-nos licito, porem, adiantar que elles revelam uma proficiencia notabilissima e que a sua contribuição ao estudo de tal problema é dos mais importantes.

O poeta de quem nos vimos occupando e cujo espirito tanto se diffundiu no ambiente brasileiro, que por toda parte deixou, pairando, a sua influencia, a inspirar os que d'elle se occupam, representa, sem duvida, mau grado as accusações tecidas por José Oiticica e outros, o resumo, a synthese da emotividade nacional. A sua obra é um marco na nossa historia litteraria. O indianismo, nos seus cantos, foi uma das formulas que mais cedo se apresentaram ao pensamento nacional, para romper com a tradição portugueza. Traduziu, talvez, uma comprehensão erronea da formação da nacionalidade, mas, conforme accentua Raymundô Lopes, não devemos discutil-o como these, senão verificar que, no momento ainda hesitante da emancipação do nosso pensamento, serviu, na obra dos poetas brasileiros, e, melhor do que na de todos, na de Gon-

çalves Dias, para o fim a que era solicitado. E nenhum descreveu os índios tão bem quanto este, pois no poeta estava o ethnographo. Somente os que não conhecem a psychologia das raças americanas podem dizer que o selvagem brasileiro de Gonçalves Dias é portuguez pelos seus sentimentos cavalheirescos, pelo seu brio, pela sua bravura, pelo seu espirito de sacrificio. Olhemos com justiça ao menos para os seus representantes que se perpetuaram na historia das patrias nascentes da livre America,—um Gantemou, um Atahualpa, um Antonio Felipe Camarão. Leiam-se, ao menos, os episodios da sangrenta conquista do continente, onde, no dizer de um historiador, se admira menos do que a audacia dos vencedores o heroismo dos vencidos. Olhe-se para o duplo sacrificio dos Guaranyes das Missões e do moderno Paraguay.

Ahi, como que o curso das correntes litterarias brasileiras foi desviado por gigantesca força.

Não obstante os cerrados ataques ao caracter profundamente nosso da obra de Gonçalves Dias, este, serenadas as criticas e avultando a opinião favoravel de Sylvio Romero e outros, revive como o patriarcha da nossa independencia

litteraria, fazendo resoar na lyra altisona a nota romantica que nos despertou, até certo ponto, da avassaladora influencia portugueza.

Embalado no berço pelas ovações á libertação politica, tendeu irresistivelmente para derramar o patriotismo brasileiro na arte.

Emquanto José Bonifacio construia a grandiosa obra social de doar ao Brasil vastissimo a expressão politica como nação organizada, divagava pelas estradas de ouro da infancia quem viria, nos éstos de um amor delirante pela patria, dar a esta a expressão da sua vida emotiva, num soberbo lyrismo.

Do convívio espirital com os escriptores de outrora, a cuja leitura se precipitava, como a querer elevar-se á altura dos mestres, adquerira a linguagem á feição classica. Mas a forma litteraria, como o pensamento, os motivos da inspiração, os scenarios, são sobejamente nacionaes e modernos.

A figura maxima da *Athenas Brasileira* ou *Grupo Maranhense* reuniu numa só individualidade artistica todas as variações do genio poetico nacional, como vislumbraram José Virissimo e outros criticos. Teve, com a vantagem da sua

maestria, no teclado ora da rima espontanea, ora do verso sempre terso, a nota profundamente humana e social de Castro Alves. Se este cantou a raça negra oprimida pela servidão, na mais impressionante censura aos horrores do *Navio Negreiro*, o outro cantou, em varias epopéas, a raça perseguida e caçada pelos sertões remotos, a caminho da extinção. Distanciam-se, pelo arroubo de um a procurar levantar da turba a piedade que fez o abolicionismo, e pela ansia do outro, como artifice que trabalhasse o bronze, de engrandecer a memoria do aborigene.

O seu espirito subia a pontos de vista elevados e abrangia extensões como o Brasil inteiro; dentro deste criou uma harmonia nova, que irmanou desde logo na veneração á natureza um povo malbaratado pelas lutas politicas. E sabia tambem descer á analyse profunda, com a accentuada intuição philosophica de Magalhães de Araguaya.

De animo triste, esmagado ao peso de continuas desventuras, transbordante de queixas contra os homens, insatisfeito do amor, profundamente desilludido de completa satisfação na gloria, teve por vezes a revolta de um Alvares de Azevedo ou de um Junqueira Freire, porém não se

desprende de Deus. De continuo resalta-lhe das estrophes o acento religioso suave e doce, que lhe é tão peculiar ao estro.

Gostava das praias desertas, dos passeios aos logares ermos, e, se por accaso as musas o acompanhavam ahi, travaçava versos, de que emanam o perfume elegiaco e o amor á solidão de Fagundes Varella.

Coube-lhe tambem revelar nas primeiras manifestações do lyrismo, a ingenuidade espontanea, quase primitiva, e a ternura de Casimiro de Abreu. Os folguedos infantis, as lendas ingenuas das populações ribeirinhas, as amizades da infancia, tudo, na sua saudade insopitavel, lhe apparecia aos olhos como thesouros que encontrára em espinhosa estrada.

Integrara-se no entusiasmo e no americanismo de Basilio da Gama. Evolava-se na resonancia do verso. Distendia-se na opulencia do metro. De onde não parecia haver musica, tirava orchestrações de effeito surpreendente. Traduzia nas rimas o fragor das luctas.

Como Porto Alegre, soube fazer-se notar pela riqueza descriptiva, com pendores orientalescos. Servido de uma imaginação, vertiginosa,

manejava as tintas fazendo resaltar o pitoresco das paisagens.

O lyrismo, amoroso, que o fez tanger as cordas mais doces, não é absolutamente abstracto. Arrancou-o dos dados da vida real, como Gonzaga. O amor, companheiro de todas as phases da sua vida, a principio esparso, derramado a cada passo, nas praças, nos salões, nas ruas, concentrou-se um dia á vista da mulher ideal, que lhe não pertenceu. O canto não lhe pôde então sahir mais como de passaro solto, porque as duras imposições sociaes o tornaram prisioneiro do impossivel,—a posse daquella flôr.

O alevantado do seu tom lembra ás vezes a solemnidade dos Santa Ritta Durão e outros poetas coloniaes.

A vernaculidade incontestavel de Gonçalves Dias prendia-o aos mais puros escriptores portuguezes. E' um bom discipulo dos quinhentistas. E, sentindo-se uma vez ferido na vaidade, remontou, por um capricho orgulhoso, com a feitura castigada das *Sextilhas de Frei Antão*, ás mais remotas fontes de filiação litterarias da lingua portugueza, isto é, ao estylo e á linguagem pre-classica da poesia peninsular.

Certamente por isso sobreviveu no culto dos parnasianos, pela sua forma limpida, e foi ainda grande para os adeptos do symbolismo, pela subjectividade intensa da sua poesia.

Entre os frequentadores de palestras litterarias, no Rio de Janeiro, muitos são os que se recordam da noite impressionante em que Bilac, numa conferencia hoje largamente divulgada, recitou a *Maldição do Tupy*.

O artista do *Tarde*, principe dos poetas do seu tempo, e um dos que primeiro se insurgiram contra o languido e chorado recitativo antigo, esteve, dizem os que o ouviram, imponente, magestoso, divino.

Notorio como era o culto ardente de Bilac pelo vate maranhense, o exemplo acima é frisante de quanto pôde o lyrismo gonçalvino arrancar emoções altissimas, frequentemente embriagando os artistas do parnasianismo.

E não ficou ahi o fervor de Bilac. Foi a ponto de lhe inspirar cantos indianistas, como a *Morte de Tapyr*. Não cessou no poeta das *Panoplias* o ardor desse culto e continuamente mergulhava na obra e na memoria de Gonçalves Dias para exaltar-lhe a belleza e excellencias.

Se Bilac, reconhecendo o quanto deve a Gonçalves Dias a poesia nacional, deixa entrever-se nessa adoração o fio que prende o seu lyrismo ao do mestre, quem não reconhecerá no pantheismo de Alberto de Oliveira uma influencia, e grande, do mesmo?

Na physiographia da terra, os rios são de começo hesitantes, recebendo daqui e dalli aguas formadoras, até que se orientam, derramando-se no leito definitivo. Dahi por diante espraia-se, recebem o concurso dos grandes affluentes, tomam vulto, abrindo-se nos estuarios. A obra gonalvina é esse momento na corrente do lyrismo nacional. E' esse ponto em que o rio se faz caudal.

Nenhum escriptor, para formação da cultura, de onde emane a sua arte definitiva, pode escapar ao vinco de influencias extranhas. Se tentasemos conceber algum alheio a qualquer influxo, seria imaginal-o isolado no seu tempo e no mundo.

Gonçalves Dias não era desses poetas que se limitam a exgottar na facilidade da rima e da métrica da juventude a sua formosa inspiração. Não era dos que vivem embriagados pela orgulhosa convicção de que o poeta não tem, na existen-

cia, senão o papel de vasar no verso a vibratibilidade que a sua alma traz do berço.

Ao contrario desses, o cantor dos sabiás mergulhou muito cêdo na vastidão das bibliothecas, para entrar, pela mão dos éscriptores mais puros, primeiramente nos encantos litterarios da sua lingua, depois nos arcanos riquissimos das linguas mortas, e ainda na varia expressão artistica das principaes linguas vivas.

Fez-se erudito para poder ser poeta a contento da sua orgulhosa sede de gloria.

Tendo emergido de baixa camada social, não quiz fazer-se valer no conceito dos seus concidadãos pelo facto apenas de possuir talento, como tanta gente, versejar com facilidade, ganhar admiração mundana, ser divulgado na imprensa e recitado nos salões.

No habito das vigalias continuas, lia tudo quanto lhe parecesse encerrar algo de bello, obrigando o seu estro a um prolongado trabalho de lapidação.

E assomando, de quando em quando, á tonda desse mar de meditação, em contacto com os classicos, se tangia a lyra, deixava transparecer essa irremovivel influencia das leituras, mas sem-

pre impondo á composição o vigor da sua personalidade.

O Brasil romantico abeberou-se nas crystallinas fontes européas, do mesmo modo que a França, para a elaboração de uma das suas escolas mais suggestivas, tinha ido tirar da Allemanha a formosa idéa da fecunda e luminosa corrente litteraria, que é o proprio romantismo.

Em todos os tempos é manifesto tal influxo. Modernamente, esse que se tornou o expoente maximo da raça latina — Anatole France — trahe, a cada passo, na sua obra, miraculosa e subtil assimilação da cultura classica.

Gonçalves Dias, polyglotta, praticou a leitura, no original, dos principaes poetas no Novo Mundo, num vôo sereno de genio por sobre os monumentos litterarios de Portugal, Hespanha, Italia, França, Inglaterra, Allemanha e Russia.

Do romantismo portuguez, foi beber em Herculano e Garret; do francez, em Lamartine e Hugo; do inglez, em Byron; dos allemães, leu Goethe, Uhland, Schiller; do russo, Pouchkine; do Italiano, Manzoni.

Mas a influencia que recebia não se manifestava em servilismo. Não se deixava arrastar á

imitação de qualquer delles ou a reflectir na sua poesia a maneira preponderante de algum.

Entretanto, os nossos outros poetas românticos ativeram-se muito á imitação européa. Os mais importantes deixaram-se impressionar com exclusivismo por esta ou aquella tendencia do romantismo europeu, seguindo os mestres que mais actuaram no seu espirito.

A's vezes a vocação para a musica é despertada por algum trecho immortal, ouvido pelo artista ainda não revelado. E essa influencia perdura com todo o intenso poder das primeiras impressões. Não se dará tambem caso analogo com alguns poetas? Os autores que mais se integram no espirito do iniciado, na maioria dos casos talvez fiquem a manifestar-se-lhe nos trabalhos.

O mesmo não succedeu com o vate maranhense. Foi elle dos nossos artistas talvez o que menos imitou, senão o que não imitou. Nelle se nota mais assimilação do romantismo do que imitação.

No entanto, as suas viagens pelo estrangeiro poderiam tel-o feito apaixonado das ideas européas ou imitador pressuroso de alguns dos grandes poetas, a elle com maioria de razão do

que aos outros românticos brasileiros, que nunca sahiram d'aqui.

Oppuseram-se a isso, porem, em Gonçalves Dias, a sua força criadora e o equilibrio da sua organização de artista.

Sob a rubrica *Poesias Americanas* estão enquadros soberbos fructos da lavra do genial artista, que assim ligou indelevelmente o nome á poesia da natureza.

No *I-Juca-Pyrama*, como em nenhum outro poema da humanidade, faz explosão, pela bocca do velho guerreiro, a ansia extensa, a maior dôr humana, — a dôr da raça, — que arremete contra o individuo considerado fraco, incitando os elementos a eliminal-o.

O Leito de Folhas Verdes, virgem e perfumado, á espera do amante que tarda, e *Marabá*, a virgem desprezada, exhalam fluentemente graciosidade, delicadeza e tropicalidade.

Ha timbre de magica inspiração no *Canto do Piaga*, que espelha o profundo mysterio, o segredo dos mythos religiosos da tribu. Concentrou o poeta nestes versos, de toada mystica, toda a pujança evocadora, para retratar o terror da

visão: a frota conquistadora que singra os mares, vaticínio da destruição da raça, o fatalismo do índio, como o Piaga o encara.

Na *Canção do Tamoyo*, ficou crystalizada a rijeza da tempera do cabôclo. O verso é agil, ductil, curto, rapido, sibillante co no um zunido de flexa. Nessas estrophes está contido o estoicismo indigena.

Como um filho que transborda de gratidão por mãe extremosa, o vate não soube poupar louvação á terra brasileira, que o dotou tão prodigamente de perfeições. Difficil será achar-se no vernaculo producção mais rica de naturalidade do que a *Canção do Exilio*. Sente-se, ao decoral-a, que ao ser dita, como foi, em Portugal, nenhum filho distante do Brasil deixou de sentir desejos de revel-o, e nenhum estrangeiro poude occultar a vontade de conhecel-o. Essas quadras e sextilhas encerram todo o *tremo* do canto nostalgico dos sabiás, nas mattas brasilicas:

Caxias, poema dedicado ao berço, reflecte a graciosidade da sua musa.

Na *Mangueira*, a rima farfalha como os ramos levemente embalados pelo vento. A justeza das imagens convida o leitor a gosar sombra de

frondes. E' uma pequena producção, vivida por todo o brasileiro, senão pelos povos em geral, pois lá está cantada essa tendencia talvez universal e eterna do homem, de, movido por amor, buscar para confidente a arvore com seus ramos, e flôres, e fructos, e ninhos, e sombra acolhedora.

A *Mãe d'agua* traduz a belleza das lendas e o encanto da tradição do nortista.

Synthese de passadas luctas dos incolas e do ardor da conquista, a ode *Gigante de Pedra*, na imponencia e amplitude do conceito que encerra, está a exigir seja musicada, para representar um hymno nacional.

Nos *Tymbiras*, é a nota epica que se escuta, e o pantheismo que se desdobra. Zumbem flexas, no fremito da metrica.

A musa de Gonçalves Dias ora se extasia no gosto da narrativa, ora se despetala em abundantes queixas, ora se desata em louvores. Toma o seu lyrismo todas as feições.

Seus Olhos, versos crystallinos, reflectem o brilho da emoção, ás vezes eloquente, ás vezes

vago, sem causa, da mulher tropical, que ama as atitudes contemplativas.

No *Amor ! Delirio, Engano*, já a sua alma se debate nas agruras do amor sem premio. A sinceridade do motivo dá a nota pessoal, palpitante aqui, na espontaneidade do verso.

Num tom de prece, como de joelhos, o poeta no *Soffrimento*, quer rebelar-se, mas rapidamente se volta a bemdizer a dôr, porque só nella acha caminho para a perfeição. Poucos são os leitores de Gonçalves Dias que não trazem de memoria a primeira quadra:

Meu Deus, Senhor meu Deus, que ha no mundo
Que não seja soffrer :
O homem nasce, vive um só instante
E soffre até morrer.

Assim se guardam de cór as cousas profundamente sentidas e artisticamente descriptas.

A *Virgem* é como estrella de raro fulgor a figurar na constellação onde brilha a joia dedicada á ternura

Das que viveram sós, das que morreram puras.

O exaltado da *Palinodia* é o mesmo contri-

cto da *Retratação*. Em ambas, manifesta o autor a exuberancia de que dispõe no tocante á exteriorização do pensamento.

Uns olhos verdes,
 Uns olhos por que morri;
 Que, ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Sobresai a encantadora graça do—*ai de mi!* antiquado mas dediciosamente expressivo e com o sabor dos *cantares* dos cancioneiros.

A susceptibilidade do seu character de amigo e de amante extravasa-se nos versos amargos de *O que mais dóe na vida*, versos rumorosos como vagas de mar atormentado.

Na *Concha e a Virgem*, perpassa doçura infinita.

Com admiravel engenho, uniu a flôr ao destino incerto da corrente, onde se abeberou a musa de Vicente Carvalho.

Ainda uma vez, adeus! é o grito supremo do amor infeliz, é a confissão que deixa de ser murmurio, para ser clamor. Versos de uma perfeição dolorosa! Oitavas formosas, que enfeixam

duas grandes angustias, a do artista que castiga a forma e a do homem que analisa o maior transe da sua vida.

Nos hymnos, é novamente o pantheismo que nos deslumbra. Os louvores ao mar, ao *Romper d'alva*, aos *Amigos do Maranhão*, á *Tarde*, são do mais alevantado estylo e patriotico ardor.

A theoria das raças na litteratura brasileira deu lugar a discussões sobre a explicação do nosso lyrismo, para o que carecia de importancia o *turanismo* de Theophilo Braga.

Essa explicação do lyrismo nacional pelo mestiçamento, no seu sentido mais amplo, inclusive o moral, tem sido preconizada por Sylvio Romero e Tito Livio de Castro, com o valor de uma verdade geral. O seu defeito, unico talvez, reside exactamente na extrema generalidade. Não é sem tropeços assoberbantes que se trilha o caminho que medeia entre uma generalização e uma comprovação segura. Já o typo psicologico brasileiro, como diz Oliveira Vianna, é um problema a desafiar a argucia da sciencia, pela variedade das fusões em que cada raça, e, dentro desta, cada povo, cada tribu, entra com a sua psychologia

própria. Além disso, ainda no dizer do mesmo sociólogo, é tão vária a estrutura mental dos typos ethnicos nacionaes, puros ou mestiços, cruzados e recruzados, quanto são diversos os seus caracteres anthropologicos, decorrendo dahi as difficuldades de definir-se o typo anthropologico brasileiro. A demais, são ainda poucos os nossos estudos somatologicos e ethnologicos, para um completo desenvolvimento e acceitação plena da theoria das raças.

Admittida, porem, com toda a sua imprecisão, como verdadeira, o caso de Gonçalves Dias seria, como notou José Verissimo, uma das suas melhores comprovações, senão a melhor, na litteratura brasileira. O poeta é um representante dos tres sangues formadores da caudal que circula na rêde vascular do brasileiro. Possuia as faculdades estheticas da imaginativa e do sentimento que Sylvio Romero aponta como resultantes do mestiçamento da nossa intelligencia.

Nelle se vislumbram, integradas na hyperestesia do poeta, as inclinações das raças-mães que entraram na formação do povo brasileiro.

E se encaramos Gonçalves Dias como homem e como artista, são sobremodo impressio-

nantes as conclusões que, num estudo sobre o mestiçamento no Brasil, tira Tito Livio de Castro, quer sob o ponto de vista da educação, quer sob o das faculdades artisticas e quiçá da hereditariedade pathologica, do temperamento lymphatico, da «sensibilidade que ascende em erotismos de imaginação» e susceptibilidade excessiva.

Gonçalves Dias parecia representar, para a collectividade de que fez parte, uma des-
sas encarnações que, segundo Baldensperger, tra-
zem as tendencias que arrebatam o homem, no
culto dos povos, para a personificação legendaria.

O poeta pode ajustár-se nas observações do mesmo professor da Sorbonne, como um desses que impressionam a imaginação collectiva, porque attrahem e agrupam, em torno de si, os acontecimentos.

Para o povo brasileiro o grande lyrico é elle, e o poeta por excellencia. Tem sido cantado por todos os bons poetas nacionaes, como Castro Alves, Casemiro de Abreu, Varella, José Bonifacio, Alvares de Azevedo, Machado de Assis e Olavo Bilac. Na capital da Republica, o seu culto é um facto e o 3 de Novembro uma data na-

cional. Por ocasião do centenario do seu nascimento, em 1923, quasi todos os Estados celebraram o dia 10 de Agosto.

Contribuíram para a fixação da sua figura no espirito popular a origem humilde, a pobreza, a vida dolorosa e a morte tragica.

A historia do naufragio do *Ville de Boulogne* foi repetida de bocca em bocca, com as côres accentuadas, de modo a despertar a tristeza e a piedade de toda a nação.

Porisso, o povo interveio copiosamente na sua biographia, attribuindo-lhe passagens que são puras creações da imaginação popular.

De onde, como consequencia natural dessa forte impressão na alma da nossa gente, começaram a esboçar-se lendas authenticas á volta da sua figura.

Contaram que, no Passeio Publico de Lisbôa, ao avistar, de braço com o marido, a mulher que mais profundamente amára, ajoelhou-se e, sob o imperio da emoção, começou a exhalar de improviso os versos do *Ainda uma vez, adeus!* No entanto, é clarissimo que aquella poesia revela um trabalho aturado de castigo á forma.

Propalaram tambem, pelas cidades e povoa-

dos da costa maranhense, no meio de população ingenua, que o vate havia sido assassinado á ordem de estrangeiros... pelo despeito destes de não possuírem um genio como o de Gonçalves Dias.

E espalharam ainda que a sua morte não fôra verdadeira, agindo sob o influxo dessa inclinação que se nota em todo o povo, sempre que a desgraça lhe rouba aquelles que o fascinaram. Assim Gonçalves Dias deveria voltar, um dia, aos braços da Patria, para continuar a engrandecer-nos.

Voltou, sim, não em pessoa, como no vaticinio popular, mas em espirito, para viver na admiração dos brasileiros, trazido pela mão da Immortalidade.

É o espirito que define a nacionalidade. J. A. Nogueira disse que o nacionalismo é attitude mental. Phenomeno de ordem espiritual, mas collectiva, na opinião do mesmo auctor, não é mais do que emanação do patriotismo, que existe no individuo considerado isoladamente, com as suas raizes na profundeza do ser. Aquelle supõe a existencia de uma collectividade. Das consciencias sommadas dos habitantes de um meio resulta o que se póde chamar o ambiente nacional differenciado, está claro, na sua grandeza, não pelo numero das forças componentes, mas pelo gráu de elevação moral e intellectual de todas ellas ou do maior numero.

O phenomeno pode mesmo existir, — ainda acompanhando o raciocinio do alludido critico, — quando são em pequeno numero as consciencias

em que elle se reflecte. Essas, porém são, as emi-
nencias, as culminancias de um povo. Na compa-
ração da obra, *O Sonho do Gigante*, esse facto
feito luz clareia, como o sol ao nascer, principia
nos cumes, para depois derramar-se nos plainos.

Gonçalves Dias é bem um desses pináculos
no ambiente nacional brasileiro, dentro do qual
resôa, ao lado das vibrações da sua lyra divina, a
magnifica religião da patria. Já demonstrámos, no
decorrer da nossa dissertação que a sua perso-
nalidade se ergue como a de um artista larga-
mente banhado, de momento a momento, pela
luz do espirito nacional. Não será obra difficil,
portanto, nem temeraria, procurarmos justificar
este conceito em face do *nacionalismo brasileiro*.
Este, conforme as opiniões expostas pelos compe-
tentes, funda-se em duas theorias differentes, bas-
tante afastadas uma da outra, partindo as duas
de pontos oppostos e caminhando para a forma-
ção do brasileiro como typo historico.

A primeira baseia-se na concepção de um
producto novo, resultado da fusão dos sangues
geradores do mestiçamento, a que já fizemos
referencia anteriormente. É o *producto sextia-
rio de evolução super-organica*, o qual Sylvio Ro-

méro julga achar-se representado no nosso povo, principalmente na sua psychologia.

A segunda theoria, desenvolvida por alguns dos nossos principaes scientistas e estadistas, é a que acceta a dilatação européa, na qual o Brasil figura como prolongamento iberico, que aqui se alargasse ainda mais com o concurso negro-indio mas com o predomínio originario do portu-guez.

Não pode haver dois raciocinios mais distantes um do outro. No entanto ha um ponto em que as duas correntes se encontram. E' em Gonçalves Dias.

Este, num dado momento da nossa vida mental semelha larga embocadura, em que desaguam, proximos, dois rios, ou como intenso ponto luminoso, onde se encontrassem dois angulos visuaes differentes.

Nelle se dá um dos raros pontos de convergencia das duas theorias, porque é um poeta representativo do paiz, quer para uma quer para outra hypothese. Para uns o seu lyrismo sublime, sua exaltação sentimental, seu character recluso de subjectivo encontram cabal explicação, como já vimos, no mestiçamento das raças. E dentro deste

- conceito é tido como um curioso modelo, entre os nossos maiores poetas.

Para os outros, pela pureza da linguagem, pelo estylo capaz de attingir variações classicas, o seu lugar é ainda entre as primeiras, senão a primeira dentre as nossas grandes encarnações artisticas.

O ataque aos nossos grandes escriptores pelos proprios brasileiros tem sido tão copioso que vai passando de moda.

Nas provincias a aggressão é feita por meio da indifferença ou silencio em torno quase sempre de um espirito de valor que appareça. Na capital do paiz é o cabotismo que explora muitas vezes o gosto pelo escandalo entre a população, focando com diatribes figuras do maximo realce. E' um meio de subir, dizem os cabotinos, de attrahir a attenção do vulgo tentando derruir idolos. Outras vezes é o bairrismo estreito de fronteiras estadoaes que procura endeusar este ou aquelle vulto, em detrimento de um representante de outro estado, com encontestavel superioridade. Não raro, numa demonstração arrogante de patriotismo, a depreciação se refere á

suposta desnacionalização dos motivos litterarios de determinado auctor. Esquecem-se os aggressores de que o impatriotico desse acto é ás mais das vezes improficuo, mas sempre entibiante. Gonçalves Dias, para quem a gloria sorriu desde os primeiros albores, tem sido alvo das settas hervadas na inveja, e alguns, na incapacidade de diminuir o artista, entregam-se á furiosa exhumação e analyse de factos da vida intima, com o fim de dennegrir o homem.

Mas Gonçalves Dias é um passado de harmonias para a nossa geração, um orgulho no presente para a nação que o possuiu, é uma honra, na prosteridade, para essa epoca, em que um povo, já então entrando no esplendor maximo da cultura, balbuciava a civilização.

Gonçalves Dias é a propria bandeira da patria desfraldada no espaço immenso da Historia e pannejando ao sopro de todas as consagrações

Handwritten signature in red ink: "Handwritten" (partially obscured) and "Betti" (partially obscured) with a large red flourish.

É tal, no poeta das palmeiras, a grandeza do genio; tal nos estudos da sua obra a sucessão de juizos e imagens com que á primeira leitura se enche, a transbordar, o cerebro dos fiéis do seu culto; tal, no homem, a extensão do infortunio que, se pudessem os livros e as theses não ter fim, qualquer trabalho referente á sua individualidade apresentaria a extensão do proprio mar que o devorou.

Sol que se despenhou do meio dia;

Ansia infinita de perfeição, que se escoou no mar;

Alma feita de agitação, perdida na terra e attrahida depois para o meio das suas irmãs em inquietude,—as vagas lamentosas;

Luz descida perpendicularmente dos céus á terra brasileira, e resvalando em seguida para as aguas;

Dôr tempestuosa, feita homem, em busca,
até achar, na profundidade oceanica, um abys-
mo para suffocal-a;

Espirito fecundo, creador poderoso de ry-
thmos, emoções e idéas;

Poeta excelso cujos cantos honrariam como
os de um genio a mentalidade de um povo cul-
to, mas para uma nação inimiga de si mesma con-
tinuam a ser apenas a floração de um talento.

Saiamos da leitura destas linhas incolôres,
levando mesmo todas as duvidas sobre se Gon-
çalves Dias foi ou não o poeta que da maneira
mais alevantada exprimiu o sentimento na-
cional.

Perlustremos o interior brasileiro, os cam-
pos, as mattas, as serras, os rios, o littoral.

E as crianças contando, na expansão dos
recreios infantis, á sombra das mangueiras, ao
lunar, as historias da formosa Mãe-d'Agua; e, na
eloquencia do granito, o Gigante de Pedra, deitado
em guarda ás maravilhas da Guanabara; e os
que ouvem inebriados, á tarde, os sabiás, no ver-
de esconderijo das mattas; e as flores que são
aqui mais abundantes que noutro continente,—

todos, enfim, e tudo quanto é nosso falla de Gonçalves Dias.

Percorramos o paiz de norte a sul, e onde haja um leque de palmeira a menear-se ao vento, esse nos segreda os cantos do vate; onde quer que se escute hymno escolar, lá estão os versos da *Canção do Exilio*.

Recuemos no tempo e compulsemos as opiniões dos mestres da lingua, em varias épocas: a unanimidade abafa alguns raros juizos divergentes.

Voltêmos aos nossos dias. Chegemos até junto dos nossos immortaes vivos.

Estamos na Academia Brasileira de Lettras, na sessão commemorativa do centenario do nascimento do poeta, aos 10 de agosto de 1923.

Está na tribuna um dos vultos proeminentes da cultura contemporanea no Brasil.

O momento é realmente grave para a nossa litteratura. O gosto pelo bello soffre serios abalos, que criam correntes como a dos modernistas, idealizadores de uma arte nova, futuristas, e a dos passadistas. Aquela tem a defendel-a a formosa

cultura philosophica de Graça Aranha; e a outra a poderosa resistencia do espirito academico.

A sessão na sala do Palacio da Avenida das Nações é em homenagem ao passado.

Fala um fino prosador e delicado poeta. E' Amadeu Amaral.

O orador impoz a si mesmo a pesadissima tarefa de apontar qual o maior poeta do Brasil.

Reune todas as forças para desempenhar-se, as da razão, do raciocinio, do coração.

Sente-se, por um momento, hesitante, no labyrintho das comparações.

Isola-se de qualquer influencia exterior, bebida no acervo das criticas anteriores.

Recolhe-se á intimidade dos proprios sentidos primorosamente educados no vicio salutar do estudo e ouve os sons que lhe arrancam da alma as melodias dos nossos grandes cultores da poesia.

Desfolha rapidamente, da memoria, nomes de muitos.

De repente pára diante da imagem de Gonçalves Dias, que lhe parece, dentre os que mais se destacaram no verso, um impressionante «vul-

tô grande e revolto», em contraste com o povo de alma pacifica de cujo seio brotou.

Resume o academico todas as variações e accordes da sensibilidade do indianista num brasileiro não estudado e medido em themas patrioticos, mas espontaneo, cantante, esparzido em louvores e sublimações á terra sempre deslumbrante aos seus olhos.

O poeta de hoje continúa a orar. E Gonçalves Dias, integrado, mas não prisioneiro na urdidura classica do idioma, revive nas suas palavras como um divino artifice de cousas de «forte e perduravel belleza», e tambem numa justificação ao que antes dissemos, por outras palavras, a proposito do *I-Juca-Pyrama*, — um forte condensador de «humanidade».

Acclama-o ainda extraordinario não só nos limites da sua obra, mas prolongado com accentuado influxo na evolução da poesia nacional.

E termina proclamando, num hymno, Gonçalves Dias o maior poeta do Brasil.

Não partem, como se vê, taes apreciações de um nortista, mas de um filho do sul, que aprendeu a emoção com as cantigas e o labor em torno dos cafeeiros.

No entanto, revela-se também irmão do grande maranhense. E assim a totalidade dos brasileiros Gonçalves Dias é a força que mais aperta os laços, pelo lado do sentimento, da nossa unidade nacional.

A sua lyrica extasia um povo, enche um continente, bastára para immortalizar uma lingua, se antes delle o epico dos LUSIADAS não houvesse perpetuado num carne secular o incomparavel, o sonoro

«pregão do ninho seu paterno».

